São Martinho de Lima

Frei Lino Dolan OP

Seguidores de Domingos

Martinho nasceu em Lima (Peru) no ano de 1579, filho natural de um cavaleiro espanhol e uma mulher negra. Ainda bastante jovem, aprendeu os ofícios de barbeiro e enfermeiro, para ganhar a vida e para melhor se colocar a serviço do próximo. Sua inclinação para a oração, sua devoção a Jesus crucificado e à Eucaristia, torna-o uma pessoa transparente de bondade na solicitude do bem e da felicidade de quem o cerca.

Entrou como 'doado' no convento de Nossa Senhora do Rosário, em Lima, onde, aos 24 anos, foi aceito definitivamente como frade cooperador. Admitido à profissão solene, consagrou-se totalmente ao serviço de seus irmãos de habito e na evangelização do Povo de Deus. Religioso austero, com atitudes profundas de serviço, aprendidas na contemplação da pessoa de Jesus crucificado, ele tinha sempre um pensamento central: que na vida dos homens brote a Eucaristia. Ali serão todos irmãos, sem diferenças nem de famílias, nem de nação, nem de cor. Partilhava estes ideais com seus amigos Rosa e João Macias, santos dominicanos também eles.

Morreu no dia 3 de novembro de 1639, com a idade de 60 anos. Foi canonizado no dia 6 de maio de 1962, pelo Papa João XXIII.

Falar da vida de Frei Martinho é falar do evangelho, não de modo abstrato mas vivo e posto em prática; é colocar-nos diante da atuação histórica das Bem-aventuranças pronunciadas por Jesus, é descobrir o mandamento do amor a Deus e ao próximo encarnado em forma extraordinária.

A história do querido mulato de Lima não pára de nos fascinar porque, em certo sentido, contradiz tudo o que a sociedade daquela época, e a nossa até hoje, considera como sinais do valor social de uma pessoa: uma boa aparência, família tradicional e boa posição social e econômica. Pelo contrário, nosso santo nasceu com todas as desvantagens sociais imagináveis naquela época: era filho ilegítimo de um fidalgo espanhol e de uma concubina negra. Em Lima, em 1579, os preconceitos que produzem a discriminação racial e social eram tão fortes, ou mais, do que atualmente. Mas Martinho, vergonha de seu pai e privado do amor materno desde tenra idade, soube responder ao amor divino e por em prática plenamente a palavra de Deus.

Desde pequeno descobriu e viveu os valores do reino, anunciados por Cristo no Sermão da Montanha, que partem da confiança inquestionável em Deus e buscam seu fim somente nele, através da prática do amor aos demais.

Refletir sobre a vida de frei Martinho, então, nos questiona profundamente porque nela encontramos de forma viva e dinâmica os valores que nosso mundo perdeu e que nós, cristãos, em todas as épocas devemos manifestar para que o evangelho não perca sua credibilidade. Somos como eles, homens e mulheres do mundo, chamados a ser homens e mulheres de Deus, sem deixar de ser plenamente humanos; como ele, fomos amados intensamente por Deus para poder amar intensamente a todos os nossos irmãos; como ele, fomos chamados a ser santos.

Dos 8 aos 15 anos, o pequeno mulato, separado de sua mãe e de sua irmãzinha, Juana, morou na casa de dona Isabel Garcia, que, segundo os historiadores, era uma mulher "honesta e muito cristã". Ali, nesta casa na beira do rio Rimas, no bairro de Malambo, aprendeu a amar os pobres e marginalizados. Era esse o bairro dos negros que esperavam para serem vendidos como escravos, dos índios e dos mestiços, dos espanhóis pobres; enfim, o bairro dos que viviam à margem da sociedade colonial. Ali o pequeno Martinho sentiu a repulsa por parte dos homens e mulheres, e aprendeu a depositar sua confiança só em Deus.

Esse menino, que de dia trabalhava como aprendiz, primeiro de boticário e depois de barbeiro, passava a noite em fervorosa oração diante da imagem do Senhor crucificado, conforme consta do testemunho dado no processo de sua canonização. E foi nessa mesma época que recebeu o sacramento da fortaleza e militância cristã, a Confirmação, pela imposição das mãos do santo homem, Turíbio de Mongrovejo, Arcebispo de Lima.

Mais uma vez se comprova a predileção de Deus pelos pobres, e não há dúvida de que não havia ninguém mais pobre do que Martinho: ele era, por excelência, um dos pequenos do Senhor. Aos 15 anos apresentou-se ao convento dos dominicanos, animado, sem dúvida, por ter ouvido diariamente não só os sinos sonoros da Igreja do Santíssimo Rosário, mas também as vozes dos frades rezando as matinas durante a noite, cujo som chegava facilmente aos seus ouvidos, na sua cama do outro lado do Rimac. Foi assim que descobriu que sua condição de filho ilegítimo o excluía da possibilidade de ser "frade de missa", ou sacerdote, e que o fato de ser mulato -filho de um espanhol e de uma negra- determinava que nem sequer podia ser irmãos cooperador. Diante desse fato, ele se doou ao convento e entrou na vida religiosa como 'doado' o último dos últimos. Desde o princípio de sua vida até o final, Martinho foi um exemplo encarnado daquela bem-aventurança anunciada por Cristo para todos os últimos desta terra, que aprendem a depositar sua confiança em Deus. Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino de Deus.

Martinho entrou na Ordem dos Frades Pregadores (Dominicanos) e pregou verdadeiramente o evangelho, não com palavra, a partir de um púlpito, mas com a prática diária dos ensinamentos de Jesus. Aceitou sua situação social, não com a resignação daqueles que tem caráter fraco, mas com a fortaleza dos mansos de coração. Diante dos preconceitos raciais e das palavras dos seus irmãos, que o magoavam, Martinho mantinha um silêncio respeitoso. O eco da bem-aventurança que promete a herança da terra prometida aos mansos e humildes de coração ressoa em nossos ouvidos, ao recordar as palavras de agradecimento pronunciadas pelo modesto religioso 'doado' ao convento, quando foi humilhado e mortificado por seu superior: "Agora conheço o bom zelo de vossa Paternidade, o muito amor que me dedica, pois trata a este cachorro mulato como merece". Quem pode duvidar que nessas oportunidades recordava as palavras do próprio Jesus: "Aprendi de mim, porque sou manso e humilde de coração" (Mt. 11, 29).

Frei Martinho, a se julgar pelas aparências, estava sempre alegre e nunca foi visto com o humor alterado. No entanto, seu amor pelos pobres era tal que se condoia e se entristecia quando chegava algum deles e não tinha nada para lhe dar. Preferia antes ficar ele mesmo sem nada, do que ver um pobre faminto sair da cozinha sem comer. E justamente esta é a tristeza de que nós fala a bem-aventurança e que vai merecer o consolo divino. Se Martinho se afligia, não era por algo que tivesse sido feito a ele mesmo, mas porque não queria ver ninguém mais sofrendo.

Os cronistas nos contam que ele vivia "sempre com uma sede insaciável de agir muito no serviço de Deus". São abundantes os testemunhos de seus contemporâneos que nos dizem que foi conhecido como o "homem santo" e "santo e justo e amigo de Deus". E este é exatamente o sentido da bem-aventurança que nos diz: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados" (Mt. 5, 6). Martinho foi ardente em seu desejo de servir a Deus e a seu próximo; foi zeloso em seu afã de despertar o amor de Deus em todos com quem entrava em contato. Cumprir a vontade de Deus é a fonte de toda justificação. Era, como São José, um homem justo, um santo varão.

Sem dívida São Martinho é mais conhecido por suas obras de misericórdia: atento aos pobres, cuidando dos doentes, aconselhando a todas as pessoas que o procuravam. Como Jesus, viu que o povo andava "como ovelhas sem pastor" (Mt. 9, 36), faminto de pão e de Deus, e tinha compaixão deles. Sofria com todos e cada um daqueles que sofriam devido à sua indigência ou sua situação social e respondia a cada situação, imitando a Deus mesmo que é rico em misericórdia, como cantamos tantas vezes nos salmos.

Dizer que alguém tem "o coração limpo" é dizer que tem um coração sem duplicidade, que é totalmente transparente; em outras palavras, que vive aquilo que crê, que há coerência entre fé e vida, como disseram nossos bispos latino-americanos na Conferência Episcopal de Santo Domingo. A simplicidade e honestidade de Martinho eram evidentes para todos os que o conheceram. Não fazia coisas para impressionar ninguém, nem seus atos de caridade, nem sua intensa oração, nem o cumprimento das regras conventuais; cumpria-as porque havia prometido em seus votos ser fiel à vontade de Deus. Não tinha segundas intenções, nem propósitos secretos. Tinha o coração puro e as mãos limpas. Dele, como de Natanael, Jesus poderia dizer: "Eis um verdadeiro israelita, em que não há fraude" (Jo. 1, 47).

O fato de que também foi um pacificador, como nos dizem as bem-aventuranças, é relatado pela clássica anedota do cachorro, o gato e o papagaio, inimigos naturais, comendo do mesmo prato. Mas dizer que foi pacífico não é o mesmo que dizer que foi passivo, especialmente na luta contra o mal, que é o pecado e a injustiça, no trato com os indefesos. Defendia os escravos, que o consideravam como um pai. Sem perder sua calma costumeira, insistia que os frades respeitassem os poucos direitos dessas pessoas maltratadas.

Por ser mulato, por ser ilegítimo, por ser um simples 'doado' ao convento, frei Martinho sofreu os insultos e injúrias de seus irmãos. Realmente, não foi perseguido por sua fé em Cristo pelos hereges ou não crentes, mas sofreu uma espécie de martírio devido às discriminações irracionais da sociedade limenha dessa época. E não há dúvida de que estava sempre disposto a dar sua vida para manter sua fidelidade a Cristo. Ele se ofereceu, inclusive, para as missões no Japão, onde, como sabemos, nessa época muitos missionários foram martirizados por sua fé. As palavras da última das bem-aventuranças: "Bem-aventurados sois quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim" (Mt. 5, 11), refletem a realidade da vida diária de alguém que

foi desprezado pelos homens por causa da cor de sua pele, mas muito prezado por Deus e pelos pobres.

Muitos de nós, sem dúvida, nos aproximamos do santo mulato de modo muito interesseiro: queremos que nos faça um milagre. Poucas são as pessoas que se aproximam para aprender com ele como viver radicalmente sua vida cristã. Martinho não é um santo porque faz milagres; é santo porque soube amar a Deus e a seu próximo no espírito das bem-aventuranças, proclamadas por Jesus como critério máximo de vida para os que querem ser seus discípulos. Por isto dizemos que sua vida foi uma autêntica realização do evangelho.

Ser santo é difícil, mas não impossível. Trata-se de procurar e encontrar, de bater na porta e pedir, de esperar e obter. Trata-se de ser verdadeiramente humano, terno com os pobres e sensível ao seu sofrimento. Afinal este é o critério que Jesus deu para nos julgar, quando chegar nossa hora de prestar contas de nossa vida: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer,. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me". Quando, Senhor, fizemos tudo isto? "Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mi o fizestes" (Mt. 25, 35-36, 40)

Este santo peruano é venerado no mundo inteiro. Não devemos esquecer as palavras do Papa João XXIII, pronunciadas na cerimônia da canonização: "Martinho nos demonstra, com o exemplo de sua vida, que podemos chegar à salvação e à santidade pelo caminho que Cristo Jesus nos ensinou...Oxalá o exemplo de Martinho ensine a muitos a doçura e a felicidade que encontramos no seguimento de Cristo e na submissão a seus divinos mandamentos".

Martinho de Lima não nasceu santo, mas acabou por sê-lo. O amor ao pobre era o instrumento que utilizava para chegar à sua meta: a união com Deus. Como o próprio Jesus, ele passou pelo mundo fazendo o bem. Sua entrega aos necessitados, marginalizados e excluídos é a prova viva da presença do Deus de amor, presente em nossa história. A Igreja, por isto, o proclamou Padroeiro da Justiça Social. Temos certeza de que este santo peruano não esquece, em suas orações diante do trono do Senhor, o sofrimento do seu povo. E oxalá que, ao pedir nosso milagre ao pequeno Martinho, nós também não nos esqueçamos daqueles e daquelas que sofrem.

Frei Lino Dolan OP

Seguidores de Domingos

Martinho nasceu em Lima (Peru) no ano de 1579, filho natural de um cavaleiro espanhol e uma mulher negra. Ainda bastante jovem, aprendeu os ofícios de barbeiro e enfermeiro, para ganhar a vida e para melhor se colocar a serviço do próximo. Sua inclinação para a oração, sua devoção a Jesus crucificado e à Eucaristia, torna-o uma pessoa transparente de bondade na solicitude do bem e da felicidade de quem o cerca.

Entrou como 'doado' no convento de Nossa Senhora do Rosário, em Lima, onde, aos 24 anos, foi aceito definitivamente como frade cooperador. Admitido à profissão solene, consagrou-se totalmente ao serviço de seus irmãos de habito e na evangelização do Povo de Deus. Religioso austero, com atitudes profundas de serviço, aprendidas na contemplação da pessoa de Jesus crucificado, ele tinha sempre um pensamento central: que na vida dos homens brote a Eucaristia. Ali serão todos irmãos, sem diferenças nem de famílias, nem de nação, nem de cor. Partilhava estes ideais com seus amigos Rosa e João Macias, santos do-

minicanos também eles.

Morreu no dia 3 de novembro de 1639, com a idade de 60 anos. Foi canonizado no dia 6 de maio de 1962, pelo Papa João XXIII.

Falar da vida de Frei Martinho é falar do evangelho, não de modo abstrato mas vivo e posto em prática; é colocar-nos diante da atuação histórica das Bem-aventuranças pronunciadas por Jesus, é descobrir o mandamento do amor a Deus e ao próximo encarnado em forma extraordinária.

A história do querido mulato de Lima não pára de nos fascinar porque, em certo sentido, contradiz tudo o que a sociedade daquela época, e a nossa até hoje, considera como sinais do valor social de uma pessoa: uma boa aparência, família tradicional e boa posição social e econômica. Pelo contrário, nosso santo nasceu com todas as desvantagens sociais imagináveis naquela época: era filho ilegítimo de um fidalgo espanhol e de uma concubina negra. Em Lima, em 1579, os preconceitos que produzem a discriminação racial e social eram tão fortes, ou mais, do que atualmente. Mas Martinho, vergonha de seu pai e privado do amor materno desde tenra idade, soube responder ao amor divino e por em prática plenamente a palavra de Deus.

Desde pequeno descobriu e viveu os valores do reino, anunciados por Cristo no Sermão da Montanha, que partem da confiança inquestionável em Deus e buscam seu fim somente nele, através da prática do amor aos demais.

Refletir sobre a vida de frei Martinho, então, nos questiona profundamente porque nela encontramos de forma viva e dinâmica os valores que nosso mundo perdeu e que nós, cristãos, em todas as épocas devemos manifestar para que o evangelho não perca sua credibilidade. Somos como eles, homens e mulheres do mundo, chamados a ser homens e mulheres de Deus, sem deixar de ser plenamente humanos; como ele, fomos amados intensamente por Deus para poder amar intensamente a todos os nossos irmãos; como ele, fomos chamados a ser santos.

Dos 8 aos 15 anos, o pequeno mulato, separado de sua mãe e de sua irmãzinha, Juana, morou na casa de dona Isabel Garcia, que, segundo os historiadores, era uma mulher "honesta e muito cristã". Ali, nesta casa na beira do rio Rimas, no bairro de Malambo, aprendeu a amar os pobres e marginalizados. Era esse o bairro dos negros que esperavam para serem vendidos como escravos, dos índios e dos mestiços, dos espanhóis pobres; enfim, o bairro dos que viviam à margem da sociedade colonial. Ali o pequeno Martinho sentiu a repulsa por parte dos homens e mulheres, e aprendeu a depositar sua confiança só em Deus.

Esse menino, que de dia trabalhava como aprendiz, primeiro de boticário e depois de barbeiro, passava a noite em fervorosa oração diante da imagem do Senhor crucificado, conforme consta do testemunho dado no processo de sua canonização. E foi nessa mesma época que recebeu o sacramento da fortaleza e militância cristã, a Confirmação, pela imposição das mãos do santo homem, Turíbio de Mongrovejo, Arcebispo de Lima.

Mais uma vez se comprova a predileção de Deus pelos pobres, e não há dúvida de que não havia ninguém mais pobre do que Martinho: ele era, por excelência, um dos pequenos do Senhor. Aos 15 anos apresentou-se ao convento dos dominicanos, animado, sem dúvida, por ter ouvido diariamente não só os sinos sonoros da Igreja do Santíssimo Rosário, mas

também as vozes dos frades rezando as matinas durante a noite, cujo som chegava facilmente aos seus ouvidos, na sua cama do outro lado do Rimac. Foi assim que descobriu que sua condição de filho ilegítimo o excluía da possibilidade de ser "frade de missa", ou sacerdote, e que o fato de ser mulato -filho de um espanhol e de uma negra- determinava que nem sequer podia ser irmãos cooperador. Diante desse fato, ele se doou ao convento e entrou na vida religiosa como 'doado' o último dos últimos. Desde o princípio de sua vida até o final, Martinho foi um exemplo encarnado daquela bem-aventurança anunciada por Cristo para todos os últimos desta terra, que aprendem a depositar sua confiança em Deus. Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino de Deus.

Martinho entrou na Ordem dos Frades Pregadores (Dominicanos) e pregou verdadeiramente o evangelho, não com palavra, a partir de um púlpito, mas com a prática diária dos ensinamentos de Jesus. Aceitou sua situação social, não com a resignação daqueles que tem caráter fraco, mas com a fortaleza dos mansos de coração. Diante dos preconceitos raciais e das palavras dos seus irmãos, que o magoavam, Martinho mantinha um silêncio respeitoso. O eco da bem-aventurança que promete a herança da terra prometida aos mansos e humildes de coração ressoa em nossos ouvidos, ao recordar as palavras de agradecimento pronunciadas pelo modesto religioso 'doado' ao convento, quando foi humilhado e mortificado por seu superior: "Agora conheço o bom zelo de vossa Paternidade, o muito amor que me dedica, pois trata a este cachorro mulato como merece". Quem pode duvidar que nessas oportunidades recordava as palavras do próprio Jesus: "Aprendi de mim, porque sou manso e humilde de coração" (Mt. 11, 29).

Frei Martinho, a se julgar pelas aparências, estava sempre alegre e nunca foi visto com o humor alterado. No entanto, seu amor pelos pobres era tal que se condoia e se entristecia quando chegava algum deles e não tinha nada para lhe dar. Preferia antes ficar ele mesmo sem nada, do que ver um pobre faminto sair da cozinha sem comer. E justamente esta é a tristeza de que nós fala a bem-aventurança e que vai merecer o consolo divino. Se Martinho se afligia, não era por algo que tivesse sido feito a ele mesmo, mas porque não queria ver ninguém mais sofrendo.

Os cronistas nos contam que ele vivia "sempre com uma sede insaciável de agir muito no serviço de Deus". São abundantes os testemunhos de seus contemporâneos que nos dizem que foi conhecido como o "homem santo" e "santo e justo e amigo de Deus". E este é exatamente o sentido da bem-aventurança que nos diz: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados" (Mt. 5, 6). Martinho foi ardente em seu desejo de servir a Deus e a seu próximo; foi zeloso em seu afã de despertar o amor de Deus em todos com quem entrava em contato. Cumprir a vontade de Deus é a fonte de toda justificação. Era, como São José, um homem justo, um santo varão.

Sem dívida São Martinho é mais conhecido por suas obras de misericórdia: atento aos pobres, cuidando dos doentes, aconselhando a todas as pessoas que o procuravam. Como Jesus, viu que o povo andava "como ovelhas sem pastor" (Mt. 9, 36), faminto de pão e de Deus, e tinha compaixão deles. Sofria com todos e cada um daqueles que sofriam devido à sua indigência ou sua situação social e respondia a cada situação, imitando a Deus mesmo que é rico em misericórdia, como cantamos tantas vezes nos salmos.

Dizer que alguém tem "o coração limpo" é dizer que tem um coração sem duplicidade, que é totalmente transparente; em outras palavras, que vive aquilo que crê, que há coerência entre fé e vida, como disseram nossos bispos latino-americanos na Conferência Episcopal de Santo Domingo. A simplicidade e honestidade de Martinho eram evidentes para todos os que o conheceram. Não fazia coisas para impressionar ninguém, nem seus atos de caridade, nem sua intensa oração, nem o cumprimento das regras conventuais; cumpria-as porque havia prometido em seus votos ser fiel à vontade de Deus. Não tinha segundas intenções, nem propósitos secretos. Tinha o coração puro e as mãos limpas. Dele, como de Natanael, Jesus poderia dizer: "Eis um verdadeiro israelita, em que não há fraude" (Jo. 1, 47).

O fato de que também foi um pacificador, como nos dizem as bem-aventuranças, é relatado pela clássica anedota do cachorro, o gato e o papagaio, inimigos naturais, comendo do mesmo prato. Mas dizer que foi pacífico não é o mesmo que dizer que foi passivo, especialmente na luta contra o mal, que é o pecado e a injustiça, no trato com os indefesos. Defendia os escravos, que o consideravam como um pai. Sem perder sua calma costumeira, insistia que os frades respeitassem os poucos direitos dessas pessoas maltratadas.

Por ser mulato, por ser ilegítimo, por ser um simples 'doado' ao convento, frei Martinho sofreu os insultos e injúrias de seus irmãos. Realmente, não foi perseguido por sua fé em Cristo pelos hereges ou não crentes, mas sofreu uma espécie de martírio devido às discriminações irracionais da sociedade limenha dessa época. E não há dúvida de que estava sempre disposto a dar sua vida para manter sua fidelidade a Cristo. Ele se ofereceu, inclusive, para as missões no Japão, onde, como sabemos, nessa época muitos missionários foram martirizados por sua fé. As palavras da última das bem-aventuranças: "Bem-aventurados sois quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim" (Mt. 5, 11), refletem a realidade da vida diária de alguém que foi desprezado pelos homens por causa da cor de sua pele, mas muito prezado por Deus e pelos pobres.

Muitos de nós, sem dúvida, nos aproximamos do santo mulato de modo muito interesseiro: queremos que nos faça um milagre. Poucas são as pessoas que se aproximam para aprender com ele como viver radicalmente sua vida cristã. Martinho não é um santo porque faz milagres; é santo porque soube amar a Deus e a seu próximo no espírito das bem-aventuranças, proclamadas por Jesus como critério máximo de vida para os que querem ser seus discípulos. Por isto dizemos que sua vida foi uma autêntica realização do evangelho.

Ser santo é difícil, mas não impossível. Trata-se de procurar e encontrar, de bater na porta e pedir, de esperar e obter. Trata-se de ser verdadeiramente humano, terno com os pobres e sensível ao seu sofrimento. Afinal este é o critério que Jesus deu para nos julgar, quando chegar nossa hora de prestar contas de nossa vida: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer,. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me". Quando, Senhor, fizemos tudo isto? "Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mi o fizestes" (Mt. 25, 35-36, 40)

Este santo peruano é venerado no mundo inteiro. Não devemos esquecer as palavras do Papa João XXIII, pronunciadas na cerimônia da canonização: "Martinho nos demonstra, com o exemplo de sua vida, que podemos chegar à salvação e à santidade pelo caminho que Cristo Jesus nos ensinou...Oxalá o exemplo de Martinho ensine a muitos a doçura e a felicidade que encontramos no seguimento de Cristo e na submissão a seus divinos mandamentos".

Martinho de Lima não nasceu santo, mas acabou por sê-lo. O amor ao pobre era o instrumento que utilizava para chegar à sua meta: a união com Deus. Como o próprio Jesus, ele passou pelo mundo fazendo o bem. Sua entrega aos necessitados, marginalizados e excluídos é a prova viva da presença do Deus de amor, presente em nossa história. A Igreja, por isto, o proclamou Padroeiro da Justiça Social. Temos certeza de que este santo peruano não esquece, em suas orações diante do trono do Senhor, o sofrimento do seu povo. E oxalá que, ao pedir nosso milagre ao pequeno Martinho, nós também não nos esqueçamos daqueles e daquelas que sofrem.

© Todos os direitos reservados — Citar fonte: Dominicanos no Brasil — http://www.dominicanos.org.br